

Na visão dela, Lin Zhengyi era apenas um policial comum do departamento de trânsito, um órfão sem influências, com um salário modesto. Como ele poderia ter dinheiro para investir no negócio dela?— Não faço ideia! — Lin Zhengyi balançou a cabeça, mas em seguida sorriu. — Mas um milhão é suficiente? Se não for, posso colocar mais depois. Um milhão? E ainda poderia aumentar depois? Shalena ficou impressionada com a generosidade dele e não resistiu:— Como você tem tanto dinheiro assim? Lin Zhengyi sorriu e explicou sobre o sucesso de *Harry Potter*.— Nunca imaginei que você tivesse esse talento! — Shalena ficou surpresa. E então, estendeu a mão.— O quê? — Lin Zhengyi franziu a testa.— O livro, ué! Você escreveu um livro e não vai mostrar para a sua namorada? — Ela revirou os olhos. Lin Zhengyi ficou em silêncio. Por que todo mundo pedia o livro? — Ainda não chegou — explicou, resignado. — Foi publicado na Europa. Pedi para enviarem, mas correio internacional demora, você sabe. Shalena desistiu, mas ficou séria:— Mas você tem certeza que quer investir em mim? Eu não tenho garantia de que vai dar certo. Se falhar, você perde tudo!— Tudo bem, eu te tenho — respondeu ele, acariciando seu cabelo com ternura. Um milhão não era pouco, mas com os royalties de *Harry Potter*, não seria um golpe tão duro. E se falhasse, paciência. Além disso, ele conhecia o sabor do futuro McDonald's e do KFC. Se ajudasse Shalena a recriar os sabores, o fracasso era impossível. Claro, Shalena não sabia disso. Comovida, ela deu um beijo sonoro em seu rosto e sussurrou:— Obrigada. E assim, o plano de negócios dela foi definido.---

****Capítulo 49: O Caso do Assassinato no McDonald's****

Na manhã seguinte, Lin Zhengyi foi ao banco transferir o milhão para Shalena. Sob insistência dela, ele também assinou um contrato de divisão de lucros: 70% para ele, 30% para ela. Ele não queria assinar nada — como policial, documentos formais eram complicados. E ficar com a maior parte sem fazer muito esforço o deixava sem graça. Mas Shalena foi firme, garantindo que o contrato seria privado, sem registro oficial. Ele acabou cedendo. No final, Shalena saiu feliz com o dinheiro, e Lin Zhengyi, de folga no fim de semana, resolveu descansar em casa. Porém, ao meio-dia, com preguiça de cozinhar, saiu para comer fora. Depois de perambular por algumas ruas, avistou uma loja: ****McDonald's****.— Faz tempo que não como isso — pensou em voz alta. — Já que a Shalena quer abrir um restaurante assim, vou experimentar para ver a diferença entre o McDonald's de agora e o do futuro. Entrou, pediu um hambúrguer, refrigerante e alguns acompanhamentos como nuggets e batatas fritas. Sentou-se perto da porta e começou a provar.— As batatas e o refrigerante são parecidos, mas o hambúrguer e os nuggets... comíveis, mas nada demais. E cadê as asas picantes? — refletiu. As asas apimentadas eram um sucesso no futuro, mas, claro, o McDonald's da época ainda não as tinha — afinal, eram adaptadas ao paladar local, e os americanos não comiam muito asas de frango.— Talvez eu possa sugerir à Shalena que inclua as asas — pensou. Foi então que viu uma mulher entrar: óculos, terno branco, saia justa e meias-calças, emanando elegância. Era ****He Min****, a professora.— Professora He! — cumprimentou. Não esperava encontrá-la ali, mas não custava ser educado.— Sr. Lin! — Ela sorriu, cumprimentando de volta. Os dois não trocaram mais palavras. He Min pegou seu pedido e sentou-se em outra mesa, o que era compreensível — mal se conheciam. Enquanto comiam, He Min foi ao banheiro. Logo depois, um grito ecoou pelo restaurante:— ****AAAAH!**** Todos olharam para a fonte do barulho: uma funcionária paralisada de terror, apontando para o banheiro.— O que foi? — O gerente, um homem gordo, aproximou-se.— Lá... lá... — A funcionária gaguejava, incapaz de completar a frase. O gerente olhou na direção indicada e...— Aaah!!! — O gerente de meia-idade soltou um grito de terror e recuou instintivamente, encostando-se na parede. Percebendo a reação, Lin Zhenyi sentiu que algo estava muito errado. Movido pelo instinto policial, ele avançou para investigar. E então viu: um corpo estendido no banheiro, imóvel, sem qualquer sinal de vida. [Alguém morreu?] Por um instante, Lin ficou paralisado. Mas logo se aproximou, checando pupilas e pulsação. A confirmação veio rápido: era um cadáver.— Rápido! — ordenou Lin ao gerente, com voz firme. — Tranque o restaurante, ninguém entra ou sai. E chame a delegacia de Tsim Sha Tsui imediatamente!— S-sim, certo! — O gerente, ainda atordoado, obedeceu sem questionar, intimidado pela autoridade na voz do homem. Mas os clientes não aceitaram tão facilmente.— Ei, com que direito fecham o lugar?!— Tenho que ir trabalhar!— Quem vai me pagar o prejuízo?! Ninguém além deles havia visto o ocorrido, apenas ouvido o burburinho.— Há um morto lá dentro — anunciou Lin

com frieza. Um silêncio pesado desceu sobre o salão. Morte nunca era coisa pequena. No entanto, após alguns segundos, as vozes egoístas voltaram:— Morreu alguém, e daí? Não era da minha família!— Se eu me atrasar, você vai ver!— Hong Kong tem mortes todo dia, qual o problema? A indiferença flutuava no ar como fumaça amarga.

<http://portnovel.com/book/35/9810>